

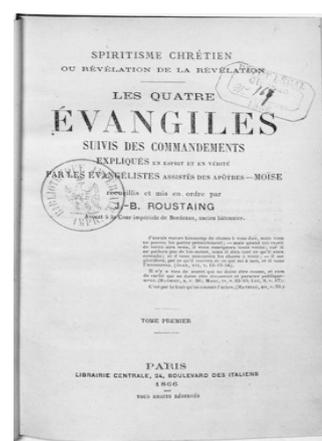
A obra *A Gênese* foi adulterada para favorecer a tese de Roustaing de Jesus ter sido um agênera?

“Para quem acredita, nenhuma palavra é necessária; para quem não acredita, nenhuma palavra é possível.” (INÁCIO DE LOYOLA)

No movimento espírita brasileiro, estabeleceu-se uma aguerrida polêmica em relação às mudanças entre o teor da 4ª e da 5ª edição da obra *A Gênese*, porquanto alguns as veem como alterações realizadas pelo próprio Allan Kardec (1804-1869), enquanto outros afirmam se tratar de adulteração para favorecer a tese de Jean-Baptiste Roustaing (1805-1879), sobre Jesus ter sido um agênera, segundo sugere o artigo “*Une Infamie*” de Henri Sausse (1851-1928), publicado no jornal *Le Spiritisme*, 2º Année – Nº 19, 1ª quinzena de dezembro de 1884 (1).

Acreditamos que vai levar um certo tempo para essa “guerra” terminar, uma vez que, ainda que se apresente provas irrefutáveis, nem todos têm a humildade de mudar de opinião e assim se mantêm firmes em suas posições.

Todos os estudiosos do Espiritismo sabem que a principal tese defendida por J.-B. Roustaing tem como base o teor de *Os Quatro Evangelhos, Revelação da Revelação*, originalmente, publicado em três volumes, no qual é asseverado que Jesus teria sido um agênera e, conseqüentemente, seu corpo era somente fluídico e não um corpo material como o de todos nós encarnados no planeta Terra.



Um dos principais pontos que vimos ser apresentado como fundamento da suspeita de adulteração, é que o item 67 do capítulo XV – Os milagres do Evangelho, da 4ª edição foi suprimido da 5ª edição com a intenção precípua de

1 GOIDANICH, *O Legado de Allan Kardec*, p. 432.

sustentar a tese do corpo fluído de Jesus, uma vez que, na obra *Os Quatro Evangelhos*, os Espíritos que dizem ser os autores, várias vezes afirmaram ter sido ele um agênera.

Vejamos os três parágrafos que compõem o item 67, do cap. XV da 4ª edição de **A Gênese**:

67. A que se reduziu o corpo carnal? Este é um problema cuja **solução não se pode deduzir, até nova ordem, exceto por hipóteses**, pela falta de elementos suficientes para firmar uma convicção. Essa solução, aliás, é de uma importância secundária e não acrescentaria nada aos méritos do Cristo, nem aos fatos que atestam, de uma maneira bem peremptória, sua superioridade e sua missão divina.

Não pode, pois, haver mais que opiniões pessoais sobre a forma como esse desaparecimento se realizou, opiniões que só teriam valor se fossem sancionadas por uma lógica rigorosa, e pelo ensino geral dos espíritos; ora, até o presente, nenhuma das que foram formuladas recebeu a sanção desse duplo controle.

Se os espíritos ainda não resolveram a questão pela unanimidade dos seus ensinamentos, é porque certamente ainda não chegou o momento de fazê-lo, ou porque ainda faltam conhecimentos com a ajuda dos quais se poderá resolvê-la pessoalmente. Entretanto, **se a hipótese de um roubo clandestino for afastada, poder-se-ia encontrar, por analogia, uma explicação provável na teoria do duplo fenômeno dos transportes e da invisibilidade.** (*O Livro dos Médiuns*, caps. IV e V.) ⁽²⁾ (grifo nosso)

Nesse item, Allan Kardec tratou especificamente do desaparecimento do corpo de Jesus do túmulo que fora colocado, inclusive, apresentando as possíveis hipóteses para justificar isso. Ao afirmar sobre o corpo carnal de Jesus, estaria, por óbvio, negando a possibilidade do seu corpo ser fluído, o que, conseqüentemente, derruba a teoria de ele ter sido um agênera.

A retirada desse item, segundo pensam, favoreceria a tese roustanguista, porém, julgamos que não é por esse caminho que se deve entender esse fato. Para confirmar, teremos que transcrever, de **A Gênese**, cap. XV, os itens 64 e 65, pelo motivo de ambos constarem da 4ª e da 5ª edição ⁽³⁾:

64. O desaparecimento do corpo de Jesus, após a sua morte, tem sido objeto de inúmeros comentários. Ele é atestado pelos quatro evangelistas, segundo a

2 KARDEC, *A Gênese*, CELD, p. 376-377.

3 Na bibliografia temos duas traduções, da CELD e da FEB, que, respectivamente, têm como base a 4ª e a 5ª edição de *A Gênese*.

narrativa das mulheres que foram ao sepulcro no terceiro dia após a crucificação e não o encontraram lá. Alguns viram nesse desaparecimento um fato milagroso, outros presumiram um roubo clandestino.

Segundo uma outra opinião, Jesus não teria tido um corpo carnal, mas apenas um corpo fluídico. Ele não teria sido, durante toda a sua vida, mais que uma aparição tangível, em uma palavra, uma espécie de agêneres. O seu nascimento, a sua morte e todos os atos materiais da sua vida teriam sido apenas uma aparência. **Foi assim, dizem, que seu corpo, retornando ao estado fluídico, pôde desaparecer do sepulcro, e foi com esse mesmo corpo que ele teria se mostrado depois da sua morte.**

Sem dúvida, **tal fato não é radicalmente impossível**, segundo o que se sabe hoje em dia sobre as propriedades dos fluidos; mas seria, pelo menos, completamente excepcional e **estaria em formal oposição com as características dos agêneres** (cap. XIV, item 36). **A questão, portanto, é saber se uma tal hipótese é admissível, se é confirmada ou contestada pelos fatos.**

65. A estada de Jesus na Terra apresenta dois períodos: o que precedeu e o que se seguiu à sua morte. **No primeiro período, desde o momento da concepção até o nascimento, tudo se passa, em relação à sua mãe, como nas condições normais da vida.** ⁽⁴⁾ Do seu nascimento até a sua morte, tudo, nos seus atos, na sua linguagem e nas diversas circunstâncias da sua vida, **apresenta as características inequívocas da corporeidade.** Os fenômenos de ordem psíquica que se produziram nele são acidentais, e nada têm de anormal, uma vez que se explicam pelas propriedades do perispírito, e ocorrem, em graus diferentes, com outros indivíduos. **Após a sua morte, ao contrário, tudo nele revela o ser fluídico. A diferença entre os dois estados é tão marcante que não é possível compará-los.**

O corpo carnal tem as propriedades inerentes à matéria propriamente dita, e que diferem essencialmente das propriedades dos fluidos etéreos; a desorganização ali se processa pela ruptura da coesão molecular. **Um objeto cortante, penetrando no corpo material, divide os seus tecidos; se os órgãos essenciais à vida são atingidos, o seu funcionamento cessa e a morte é a consequência,** isto é, a morte do corpo. Não existindo essa coesão nos corpos fluídicos, a vida não repousa no funcionamento de órgãos especiais, e nele não se podem produzir desordens análogas. **Um instrumento cortante, ou outro qualquer, penetra num corpo fluídico como em um vapor, sem lhe ocasionar qualquer lesão.** Eis por que **os corpos dessa espécie não podem morrer** e por que os seres fluídicos, chamados de agêneres, não podem ser mortos.

Após o suplício de Jesus, seu corpo ficou lá, inerte e sem vida; ele foi sepultado como os corpos comuns e todos puderam vê-lo e tocá-lo. Após a sua ressurreição, quando quis deixar a Terra, ele não morreu de novo; seu corpo se elevou, desvaneceu e desapareceu, sem deixar qualquer vestígio, prova evidente de que esse corpo era de uma outra natureza, diferente da daquele que pereceu na cruz, de onde se deve concluir que, **se Jesus pôde morrer, é porque tinha um corpo carnal.**

Em consequência das suas propriedades materiais, o corpo carnal é a sede das

4 Nota da Transcrição: Não falamos do mistério da encarnação, com o qual não vamos nos ocupar aqui, e que será examinado posteriormente. (N.A.)

sensações e das dores físicas que se repercutem no centro sensitivo ou espírito. Não é o corpo que sofre, é o espírito que recebe o contragolpe das lesões ou alterações dos tecidos orgânicos. Num corpo privado do espírito, a sensação é absolutamente nula; pela mesma razão, **o espírito, que não tem corpo material, não pode experimentar os sofrimentos** que são o resultado da alteração da matéria, **de onde também é forçoso concluir que se Jesus sofreu materialmente, o que não se pode duvidar, é porque tinha um corpo material de uma natureza semelhante a dos corpos de toda a gente.** ⁽⁵⁾ (grifo nosso)

Portanto, a supressão do item 67, do cap. XV, na 5ª edição, mesmo que não tendo sido feita por Allan Kardec, não reflete em nada quanto à tese do corpo de Jesus ser fluídico, uma vez que, nos itens 64 e 65, como se vê, o Codificador deixa bem claro que ele, quando vivo, tinha um corpo carnal, conseqüentemente, não poderia ser um agêner. Assim, a sua eliminação nenhuma influência teria a favor da crença dos roustaingistas. Então, fatalmente, temos que procurar outro motivo, ou, quiçá, outro (s) autor (es), para justificar a adulteração supostamente feita por eles.

O que vemos acontecer com o desenrolar de novas pesquisas, citamos os nomes de Adair Ribeiro, Carlos Seth, Luciana Farias e Charles Kempf, é que a tese de adulteração não se sustenta mais, uma vez que Henri Sausse, o próprio acusador de ser a 5ª edição uma obra “falsificada”, o teor dessa versão em seus artigos.

Além de Henri Sausse, podemos ainda mencionar os nomes de Léon Denis (1846-1927) e Gabriel Delanne (1857-1926), que, da mesma forma, fizeram uso dos textos da 5ª edição de *A Gênese* ⁽⁶⁾, o que, cabalmente, demonstra não haver nenhum problema com o teor dela.

Aproveitamos dessa oportunidade para sugerir aos interessados a nossa pesquisa registrada no ebook ***Os Quatro Evangelhos Obra Publicada Por Roustaing Seria a Revelação da Revelação?*** ⁽⁷⁾

Encerramos com esta frase atribuída a Gilberto Tournai (Séc. XIII):

5 KARDEC, *A Gênese*, p. 374-375.

6 RIBEIRO, *Henri Sausse utiliza a 5ª edição de A Gênese em seu artigo da Revue Spirite de 1914*, disponível em: <https://www.facebook.com/allankardec.online/posts/293941372219753> e *O uso da edição alterada de A Gênese em obras de Gabriel Delanne, Léon Denis e pelo próprio Henri Sausse*, disponível em: <https://www.facebook.com/allankardec.online/posts/306781274269096>

7 SILVA NETO SOBRINHO, *Os Quatro Evangelhos Obra Publicada Por Roustaing Seria a Revelação da Revelação?*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/938-os-quatro-evangelhos-obra-publicada-por-roustaing-seria-a-revelacao-da-revelacao>

“Jamais encontraremos a verdade, se nos contentarmos com o que já foi descoberto. Aqueles que escreveram antes de nós não são senhores, mas guias. A verdade está aberta a todos, ela não foi ainda possuída integralmente.” (8)

Paulo da Silva Neto Sobrinho

jun/2021.

(Revisado em jan/2024)

Referência bibliográfica:

GOIDANICH, S. P. *O Legado de Allan Kardec*. São Paulo: USE/CCDE, 2018.

KARDEC, A. *A Gênese*. Rio de Janeiro: CELD, 2010 (trad. 4ª ed.)

KARDEC, A. *A Gênese*. Brasília: FEB, 2013 (trad. 5ª ed.)

GALLICA, Capa de *Les Quatre Évangiles*, disponível em:

<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k8519845/f9.highres>. Acesso em: 30 jan. 2024.

DUFAUR, L. *Os mestres medievais autores de inventos atribuídos a Leonardo da Vinci*, disponível em: <https://idademedia.wordpress.com/2015/10/13/>. Acesso em: 30 jan. 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, *Os Quatro Evangelhos Obra Publicada Por Roustaing Seria a Revelação da Revelação?*, disponível em:

<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/938-os-quatro-evangelhos-obra-publicada-por-roustaing-seria-a-revelacao-da-revelacao>. Acesso em: 30 jan. 2024.

RIBEIRO, A. *Henri Sausse utiliza a 5ª edição de A Gênese em seu artigo da Revue Spirite de 1914*, disponível em:

<https://www.facebook.com/allankardec.online/posts/293941372219753>. Acesso em: 02 jun. 2021.

RIBEIRO, *O uso da edição alterada de A Gênese em obras de Gabriel Delanne, Léon Denis e pelo próprio Henri Sausse*, disponível em:

<https://www.facebook.com/allankardec.online/posts/306781274269096>. Acesso em: 02 jun. 2021.

8 DUFAUR, *Os mestres medievais autores de inventos atribuídos a Leonardo da Vinci*, disponível em: <https://idademedia.wordpress.com/2015/10/13/>